



### **Apadrinhamento Afetivo na cidade do Rio Grande**

**Autor(es):** SOUZA, Tamara Santos de; GOULART, Juliana Sonego; PADILHA, Mariana Kuhn Massot

**Apresentador:** Tamara Santos de Souza

**Orientador:** Simone dos Santos Paludo

**Revisor 1:** Maria Angela Mattar Yunes

**Revisor 2:** Narjara Mendes Garcia

**Instituição:** Universidade Federal do Rio Grande

#### **Resumo:**

O abandono social e afetivo vivenciado por muitas crianças institucionalizadas é considerado um fator de risco para o desenvolvimento. O abrigo deveria ser uma medida excepcional e temporária, mas, muitas vezes o longo tempo de permanência nesse contexto acaba por fragilizar as interações familiares. Quando esgotadas as chances de retorno para a família de origem e se as possibilidades de adoção forem remotas ou inexistentes, novas alternativas de cuidado e de convivência familiar podem ser oferecidas a essa população. O Programa de Apadrinhamento Afetivo surge como uma possibilidade de convivência familiar e comunitária. A cidade do Rio Grande está engajada nessa iniciativa desde o ano de 2002, e foram realizadas quatro edições até o momento. O presente estudo teve como objetivo avaliar a efetividade desse Programa no município, bem como identificar o seu significado na vida de crianças e adolescentes abrigados. Para tal, foi realizada uma busca documental e entrevistas com os afilhados. Dentre os principais resultados, destaca-se que 46 apadrinhamentos efetivaram-se nas quatro edições, mas só 25 afilhados continuam mantendo vínculos com seus padrinhos, dado que demonstra uma real efetividade em 54% dos casos. Por outro lado, 46% dos apadrinhamentos não se concretizaram por uma série de fatores, como desistências ou retorno da criança para a família de origem. Os entrevistados são na maioria crianças (64%) com até 12 anos incompletos ( $M=8$ ;  $dp=1,75$ ), sendo 56% do sexo feminino e 44% do sexo masculino. Os adolescentes compõem 36% da amostra e possuem idades entre 12 anos completos e 18 anos ( $M=14$ ;  $dp=2,42$ ), sendo 67% do sexo feminino e 33% do sexo masculino. Dos afilhados, 44% participam do Programa há um ano, 40% tem um padrinho/madrinha desde o ano de 2007 e 16% desde 2002. A maioria dos afilhados (54%) afirmou não saber o que significa o programa, 34% disse saber e 8% não respondeu. Embora a maioria desconheça os objetivos, 92% alega gostar de participar do programa e 82% afirma satisfação com tudo que o padrinho/madrinha propicia. O contato acontece nos finais de semana, feriados e férias escolares (92%). Os resultados indicam a falta de esclarecimento dos afilhados acerca do programa e pouco comprometimento dos padrinhos com os vínculos afetivos construídos. Portanto, é importante pensar em alternativas para que o programa seja, efetivamente, uma garantia de convivência familiar e comunitária para todas as crianças e adolescentes que dele participam.